

A CONTRIBUIÇÃO DO BILDUNGSROMAN NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL E NA ÉTICA CONTEMPORÂNEA

[BILDUNGSROMAN'S CONTRIBUTION IN EDUCATIONAL FORMATION AND CONTEMPORARY ETHICS]

Wesley Felipe de Oliveira*

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cinthia Berwanger Pereira**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

RESUMO: A função desempenhada pelas disciplinas de humanidades na formação moral e educacional dos indivíduos e sua importância para a democracia será discutida neste artigo através do conceito de *Bildungsroman*, designado como *romance de formação*. Esse conceito literário abrange uma dimensão ética-pedagógica e será analisado em seu desenvolvimento histórico e de que modo as questões éticas contemporâneas podem ser refletidas a partir da literatura em função de sua capacidade de desenvolver a habilidade designada por Martha Nussbaum de *imaginação narrativa*. Esses conceitos serão investigados para demonstrar a importância do ensino de humanidades e, mais precisamente, o papel que a literatura exerce no processo de educação e na composição das reflexões éticas dos indivíduos. Buscaremos demonstrar que um equilíbrio entre o ensino de humanidades e uma formação técnica científica é um meio seguro para a manutenção da democracia e para o desenvolvimento econômico.

PALAVRAS-CHAVE: Bildungsroman; ética; educação; imaginação; democracia

ABSTRACT: The role played by the disciplines of the humanities in the moral and educational formation of individuals, and their importance for democracy will be discussed in this article through the concept of *Bildungsroman*, which will be referred here as a formation novel. This literary concept encompasses an ethical-pedagogical dimension and will be analyzed in its historical development and how contemporary ethical issues can also be thought from the literature in terms of the capacity it has to develop the ability of narrative imagination designated by Martha Nussbaum. In the article, these concepts will be investigated to demonstrate the importance of the teaching of humanities and, more precisely, the role that literature plays in the education process and in the composition of the ethical reflections of individuals. We intent to demonstrate that a balance between humanities education and scientific technical training is the surest way to maintain democracy and economic development.

KEYWORDS: Bildungsroman; ethics; education; imagination; democracy

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor de Filosofia e Teorias da Educação no Departamento de Estudos Especializados em Educação - EED da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. m@ilto: wesley.filosofia@hotmail.com. ** Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. m@ilto: cynthiaberwan@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Um dos temas presentes nas discussões éticas e educacionais na contemporaneidade diz respeito ao papel que as disciplinas de humanidades desempenham na formação educacional e ética de um indivíduo. Neste sentido, um dos assuntos centrais desses debates se refere ao conceito de *Bildungsroman*. Neste artigo, analisaremos esse conceito que aqui será designado como *romance de formação*. Além disso, será estabelecida sua relação com as reflexões contemporâneas em torno de mudanças educacionais que se mostram necessárias, o que inclui, entre tantas questões, justamente um retorno do papel do romance de formação que se concretiza por meio da inclusão ou ainda do esforço para uma permanência do ensino das disciplinas de humanidades no *currículo*, sem, contudo, desprezar com isso, a importância das técnicas na sociedade. O conceito de humanidades será entendido em um sentido amplo, ou seja, abrangendo as áreas do saber humano que estão vinculadas com as artes, literatura e filosofia etc. Sua presença no processo de formação ética-pedagógica dos indivíduos tem a potencialidade de contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento das faculdades do pensamento, da autonomia moral e intelectual, das emoções e da imaginação.

Muitas discussões educacionais transitam entre dois polos: de um lado, há perspectivas segundo as quais a educação deve servir de meio aos fins produtivos da economia de uma nação, ou seja, ela tem como papel fundamental qualificar os indivíduos para que estes sejam atuantes no desenvolvimento econômico através do trabalho. Tal concepção é caracterizada por uma ênfase no ensino científico-técnico-profissionalizante. Por outro lado, há perspectivas que não elegem como objetivos da educação meramente o desenvolvimento econômico, ao menos não como único ou principal, mas enfatizam, antes de tudo, os aspectos mais relacionados com o desenvolvimento de características e capacidades genuinamente humanas como as habilidades artísticas, as emoções, os valores éticos e políticos, tais como os sentimentos morais, a capacidade de empatia, alteridade, exercício da reflexão crítica e da autonomia etc.

Apesar de essas duas grandes tendências existirem e apresentarem excelentes qualidades para uma formação humana, infelizmente não há, muitas das vezes, uma reflexão mais equilibrada no que diz respeito à aplicação no sistema educacional. Vemos que o ensino voltado à técnica e a profissionalização está muito mais presente nos currículos do que o ensino de humanidades¹. Além disso, cada vez mais tem sido enfatizada essa perspectiva como uma das formas de superação das crises econômicas e sociais. Isso pode ser atribuído à legítima necessidade de um desenvolvimento econômico que pode, em princípio, resultar numa melhor qualidade de vida. Porém, como sugerirá Martha Nussbaum, o ensino das humanidades é tão fundamental, necessário e significativo para a manutenção de uma vida com qualidade, da economia e da própria democracia, quanto o ensino voltado para a ênfase na técnica. Para a autora, as humanidades são fundamentais para a manutenção da própria democracia e suas instituições, e esta, por sua vez, é uma condição básica e fundamental para o desenvolvimento econômico.

Nessa perspectiva, refletiremos neste artigo justamente o papel atual dos romances de formação e sua importância para a manutenção da democracia, uma vez que eles possuem um caráter pedagógico que visa um aperfeiçoamento pessoal, desenvolvendo as capacidades éticas e políticas dos indivíduos, podendo constituir-se curricularmente dentro do ensino de humanidades e, consequentemente, atuando de maneira positiva no desenvolvimento formativo dos indivíduos, da sociedade

democrática e de suas instituições.

Para pensarmos isso, em um primeiro momento será exposto historicamente o conceito de *Bildungsroman*. Ao analisar esse conceito, verificaremos também, com base na obra *A Invenção dos Direitos Humanos: uma história*, de Lynn Hunt, como o desenvolvimento dos Direitos Humanos foi historicamente suscitado a partir da literatura e de romances que podem ser considerados de formação. Em seguida, apresentaremos algumas obras e discussões contemporâneas em torno da relação da literatura com a formação ética, destacando alguns trabalhos atuais em torno de alguns autores, como Peter Singer, J. M. Coetzee, Isaac Bashevis Singer. Neste momento do artigo, o objetivo não será o de discutir cada uma destas obras, mas apenas trazer, a fim de exemplificação, alguns destes trabalhos e sua relação com a ideia do *romance de formação*, evidenciando a atualidade das pesquisas sobre esta questão e suas relações com os problemas éticos e políticos contemporâneos. Discutiremos alguns exemplos de *Bildungsroman* e sua contribuição na formação educacional na área das humanidades. Nesse momento, será utilizada a obra de Martha Nussbaum, *Sem Fins Lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*, e *Poetic Justice*, que tratam da educação, da valorização das humanidades e de literatura para a formação ética e política.

1. O CONCEITO DE *BILDUNGSROMAN*

O conceito *Bildungsroman* é um componente significativo na história da literatura e, em especial, da literatura alemã. Sua ideia inaugura um novo segmento na literatura: o *romance de formação*. Além da história e dos personagens do romance clássico, o romance de formação apresenta ao leitor situações nas quais o próprio leitor enfrenta ou enfrentará em seu cotidiano, trazendo através da experiência do personagem, uma vez distante e estática nos romances comuns, uma experiência rica e ativa para quem o lê. O romance de formação se caracteriza por suscitar no leitor uma *relação de identificação* permitindo que ele possa se transportar para as questões e situações enfrentadas pelos personagens da obra. Isso, por sua vez, possibilita um desenvolvimento moral pessoal e um experienciamento de certas questões, principalmente em torno daquelas que ele, o leitor, não viveu. Esse tipo de romance apresenta em seu enredo uma evolução do personagem, na qual inicia a história sem muitas perspectivas e carente de um desenvolvimento moral e, ao longo da trama, evolui para um florescer de seu caráter moral e de seus princípios éticos, o que, nas demais obras literárias, não ocorre, pois, não há preocupação com esse cunho pedagógico.

De acordo com Wilma Patricia Maas, autora de *O Cânone Mínimo: O Bildungsroman na História da Literatura*, o termo *Bildungsroman* teria sido desenvolvido por Karl Morgenstern e apresentado primeiramente em uma conferência proferida na Alemanha no ano de 1810 em Dorpat, na Universidade Imperial. Posteriormente, utilizando-se de seus próprios recursos, o autor publica a obra que resultou desta conferência.

O termo *Bildungsroman* teria sido empregado pela primeira vez por ocasião de uma conferência pública proferida por Karl Morgenstern aos 12 e aos 24 de dezembro de 1810 em Dorpat, no salão nobre da Universidade Imperial, sobre “o espírito e as correlações de uma série de romances filosóficos” (Martini, 1961, p.45). Publicada posteriormente por Morgenstern por meio de recursos próprios em seus *Dörptsche Beyträge für Freunde der Philosophie, Literatur und Kunst* [*Contribuições de Dorpat para os amigos da filosofia, da literatura e da arte*],

em 1817, a passagem vincula o termo *Bildungsroman* à obra de Friedrich Maximilian Klinger, então curador da Universidade de Dorpat e amigo pessoal de Morgenstern. Ali, o autor afirma que não há, dentre os “romances filosóficos e, sobretudo, entre os *Bildungsromane* de autores alemães”, nenhuma obra que se compare aos romances de Klinger quanto à capacidade de despertar a “elevação moral e a força viril do caráter” [...] O comentário de Morgenstern contribui, assim, para que se estabeleça uma concepção do *Bildungsroman* como *veículo da formação do caráter*, atribuindo portanto ao termo um *caráter pedagógico* (MAAS, 1999, p. 42, grifo nosso).

Morgenstern tinha conhecimento de que inventara um novo termo e esse, de fato, estaria além de uma mera literatura, pois sua principal caracterização era que ela unia um caráter pedagógico e filosófico e, ao mesmo tempo, possuía aspirações de uma leitura cujo intuito almejado pelo escritor seria a formação moral do leitor:

É importante acrescentar ainda que, na introdução a uma segunda conferência proferida na Universidade de Dorpat, o próprio Morgenstern confirma estar consciente quanto ao fato de ser ele o criador do termo: “seja-me permitido falar aqui da principal dentre as muitas formas do romance, nomeando-a com uma palavra até então inexistente, segundo meu conhecimento: *Bildungsroman*” (MARTINI apud MAAS, 1999, p. 42).

Ainda a respeito do conceito de *Bildungsroman*, Maas observa que Morgenstern, através de sua posição de professor em Dorpat, na Alemanha, pôs em prática um projeto educativo cujo objetivo era preparar e instruir o jovem para a coletividade (MAAS, 1999, p. 44). Dessa forma, sua disciplina lecionada na Universidade, que antes era apenas filologia clássica, transformou-se em algo muito mais abrangente. Foram elaboradas conferências com abordagens mais pedagógicas e universais e, devido ao interesse demonstrado por um público maior do que o esperado, estas tornaram-se disciplinas abertas para estudantes de múltiplas áreas². Segundo a autora, esses estudos desenvolvidos por Morgenstern remetem à arte da retórica antiga e são precedidos por um estudo acadêmico da eloquência:

A abordagem de Morgenstern reconhecia a importância pedagógica da eloquência, em consonância com a proposta de J. G. Sulzer em sua *Allgemeine Theorie der schönen Künste [Teoria geral das belas-artes]*, (1773): [A eloquência] é reconhecidamente o meio mais perfeito para tornar os homens mais sensatos, mais sociáveis, melhores e mais felizes. Por meio dela, os primeiros sábios chamaram para a vida na coletividade os desagregados, fazendo-lhes amar os costumes e as leis; por ela, Platão, Xenofonte, Cícero e Rousseau tornaram-se mestres da humanidade (MAAS, 1999, p. 44).

Segundo a autora, no século XVIII, iluminista e pós-iluminista, a temática da inclusão do desagregado e do ser individual nas relações sociais é um tema que permeia o conceito de romance de formação. Nota-se que esse tema e esse anseio por uma consciência moral permeava a realidade daquela época e vigora em outras obras do mesmo período que também apresentam esse cunho formador, tal como demonstra Lynn Hunt na obra *A Invenção dos Direitos Humanos: uma história*. Comentando a respeito, por exemplo, do romance *Julia ou a Nova Heloisa*, de Rousseau, Hunt observa que:

Romances como *Julia* levam os leitores a se identificar com personagens comuns, que lhes eram por definição pessoalmente desconhecidos. Os leitores sentiam empatia pelos personagens, especialmente pela heroína ou pelo herói, graças aos mecanismos da própria forma narrativa. Por meio da troca fictícia de cartas, em

outras palavras, os romances epistolares ensinavam a seus leitores nada menos que uma nova psicologia e nesse processo estabeleciam os fundamentos para uma nova ordem política e social. [...] Os romances apresentavam a ideia de que todas as pessoas são fundamentalmente semelhantes por causa de seus sentimentos íntimos, e muitos romances mostravam em particular o desejo de autonomia. Dessa forma, a leitura dos romances criava um senso de igualdade e empatia por meio do envolvimento apaixonado com a narrativa. Seria coincidência que os três maiores romances de identificação psicológica do século XVIII – *Pamela* (1740) e *Clarissa* (1747-8), de Richardson, e *Júlia* (1761), de Rousseau – tenham sido todos publicados no período que imediatamente precedeu o surgimento do conceito dos “direitos do homem”? (HUNT, 2009, p. 39).

De acordo com Hunt, o conceito de romance de formação teve, no período acima mencionado, um papel fundamental no desenvolvimento filosófico e político da ideia de igualdade, suscitados, por exemplo, pela capacidade de empatia que, segundo a autora, abre caminho para o desenvolvimento dos direitos humanos:

No século XVIII, os leitores de romances aprendem a estender o seu alcance de empatia. Ao ler, eles sentiam empatia além de fronteiras sociais tradicionais entre os nobres e os plebeus, os senhores e os criados, os homens e as mulheres, talvez até entre os adultos e as crianças. Em consequência, passavam a ver os outros – indivíduos que não conheciam pessoalmente – como seus semelhantes, tendo os mesmos tipos de emoções internas. Sem esse processo de aprendizado, a “igualdade” talvez não tivesse um significado profundo e, em particular, nenhuma consequência política (HUNT, 2009, p. 40).

Questões como essas foram identificadas também em obras que mais adiante foram classificadas como *Bildungsroman*, como *o Agathon*, de Christoph Martin Wieland e, principalmente, *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, de Johann Wolfgang von Goethe.

Além do conjunto de ensinamentos atrelados ao ensino da eloquência, Morgenstern incluía, ainda, o estudo a respeito do conceito de Belo. Fica evidente o objetivo de uma formação universal no qual as habilidades e potencialidades do ser humano são cultivadas e desenvolvidas tal como na tradição da Antiguidade Clássica. Maas afirma que:

A linha básica sobre a qual Morgenstern construiu seu projeto pedagógico previa um ideal que direciona, educa e harmoniza os talentos, as habilidades e o caráter que cada homem racional já traz em si como patrimônio inato (MAAS, 1999, p. 45).

Percebe-se que, além da alusão a uma inserção dos desagregados, convidando-os para a coletividade e fazendo com que amem os costumes e as leis, a eloquência, utilizada pelos gregos clássicos já era utilizada para o objetivo de tornar os homens melhores, mais sociáveis, mais sensatos e mais felizes. Verifica-se, isso, conforme observa Hunt, na formação dos direitos humanos:

Os leitores aprendiam a apreciar a intensidade emocional do comum e a capacidade de pessoas como eles de criar por sua própria conta um mundo moral. Os direitos humanos cresceram no canteiro semeado por esses sentimentos. Os direitos humanos só puderam florescer quando as pessoas aprenderam a pensar nos outros como iguais, como seus semelhantes em algum modo fundamental (HUNT, 2009, p. 58).

Esse cunho formador visando o desenvolvimento ético pessoal e social torna-se, então, o fator de identificação do romance de formação, fazendo deste um elemento

fundamental do aprimoramento moral e político na sociedade.

2. O CONCEITO DE FORMAÇÃO MORAL ATRAVÉS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

100

AUFKLAERUNG, João Pessoa, v.6, n.3, Set.-Dez., 2019, p.95-110

Atualmente tem havido um interesse crescente a respeito das reflexões e interações entre a filosofia e a literatura, ou, mais precisamente, entre a formação ética-pedagógica e a literatura. As investigações nessa área têm resultado em obras como, por exemplo, *The Moral on the Story: on anthology of ethics through Literature* (2005), de Peter Singer e Renata Singer, que reúne obras da literatura e da poesia mundial de modo a demonstrar como elas destacam questões morais através de seus personagens e suas narrativas. A antologia é composta por setenta e nove exemplos literários e está dividida em três partes com quinze capítulos que discutem: Parte um: questões morais pessoais: I) Quem sou eu?; II) Deveres com os familiares; III) Amor, Casamento e Sexo, IV) Aborto, Eutanásia e Suicídio; Parte dois: questões sobre a comunidade V) Trabalho, VI) O que nós devemos fazer pelo nosso país, nossos compatriotas e estrangeiros?, VII) Ética e Política, VIII) Racismo e Sexismo, IX) Guerra, X Animais e Meio-Ambiente, XI) Deveres para com Deus, XII, Novas Formas de Vida; Parte três: Reflexões Éticas: XIII) A Natureza da Ética; XIV) Regras, Direitos, Deveres e a Bem Maior, XV) Valores Finais.

Essa seleção de texto busca demonstrar como romances, contos, poemas, novelas, peças teatrais etc., trazem diferentes questões éticas, evidenciando como a boa literatura é capaz de edificar e oferecer aos leitores modelos de comportamentos éticos para os indivíduos formarem seu caráter moral. Para os editores, Peter e Renata Singer, apesar das possibilidades da filosofia moral e da literatura interagirem, há uma diferença significativa da literatura:

É certamente verdade que a detalhada e criativa exploração de uma situação que pode emergir de uma boa novela pode nos ajudar a entender melhor sobre nós mesmos e como nós devemos viver. Em contraste com os exemplos discutidos nos trabalhos de filosofia, discussões de questões éticas na ficção tendem a ser concretas ao invés de abstratas e oferecem um rico contexto para uma visão moral distintiva do caráter e das circunstâncias que são encontradas nos trabalhos de filósofos. E, é claro, a maioria dos leitores gosta de se envolver com os personagens que têm enredos e os trabalhos de literatura costuma alcançar uma maior audiência do que trabalhos de filosofia (SINGER; SINGER, 2005, p. xi, tradução nossa).³

Outra obra contemporânea que discute o assunto deste presente artigo é *J. M. Coetzee and Ethics: philosophical perspectives on literature*, editado por Anton Leist e Peter Singer. O livro reúne dezesseis artigos de diversos autores a respeito das perspectivas éticas na literatura do escritor sul africano J. M. Coetzee, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 2003. O livro divide-se em: Parte I) Pessoa, Relacionamentos Humanos e Política; Parte II) Humanos, Animais e Moralidade; Parte III) Racionalidade e vida Humana; e, Parte IV) Literatura, Estilo Literário e Filosofia.

Essa coletânea de artigos a respeito da obra ficcional de Coetzee analisa as questões éticas e filosóficas trazidas em seus romances, como as relações entre os seres humanos e os animais, os problemas sociais dos conflitos raciais etc.

Além disso, verifica-se também que na contemporaneidade alguns autores têm tratado de questões éticas específicas de nosso tempo em seus romances e contos. O próprio J. M. Coetzee em sua obra *A Vida dos Animais* (1999), apresenta os

acontecimentos vividos pela personagem Elizabeth Costello ao ser convidada para proferir uma palestra no tradicional encontro acadêmico de Princeton – *Tanner Lecture*. Coetzee narra as situações de uma filósofa e palestrante ativista dos Direitos dos Animais durante sua estadia na casa da família de seu filho e os dilemas e conflitos vivenciados por ela em razão de sua cosmovisão ética de respeito aos animais e sua prática do vegetarianismo. Coetzee insere dentro do romance a palestra proferida por Elizabeth, mesclando elementos literários e acadêmicos em um texto que objetivamente leva o leitor a uma reflexão ética sobre o sofrimento dos animais, provocando uma reavaliação em torno de seus comportamentos, tal como o que é suscitado nos ouvintes fictícios da personagem. Ao mesmo tempo, Coetzee não deixa de lado o caráter de indiferença moral e até mesmo desprezo pelas questões suscitadas pela sua personagem, verificado, no romance, tanto por parte de alguns membros da universidade, mas também através da esposa de seu filho.

Juntamente com o romance, foram publicadas quatro breves reflexões em torno do tema central da obra, escritas por Wendy Doninger, professora de história das religiões da Universidade de Chicago, Marjorie Garber, professora de literatura da Universidade de Princeton, Barbara Smuts, professora de psicologia e antropologia da Universidade de Michigan e Peter Singer, também de Princeton. Estes textos trazem ao leitor reflexões de diferentes pontos de vista em torno das questões éticas debatidas no romance de Coetzee.

Dentro desta questão ética específica a respeito da Ética e dos Direitos dos Animais em relação aos animais, podemos mencionar ainda o escritor judeu-polonês e vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1978, Isaac Bashevis Singer (1902-1991). Desde seus primeiros contos e romances publicados dos anos 50 até o seu último, *Sombras sobre o Rio Hudson*, publicado oito anos depois de sua morte, verifica-se, entre tantos assuntos tratados em suas histórias, a temática da ética em relação aos animais e muitos de seus personagens passando por transformações psicológicas e morais, que resultam em suas tentativas, muitas frustradas outras com êxito, de tornar-se vegetariano por uma decisão ética de evitar atos que resultem no sofrimento e na morte de animais. Apenas para citar um exemplo, temos o conto *O Abatedor*. Nele, Isaac Singer narra como que um homem, habituado a abater animais em uma comunidade judaica na Polônia, passa por uma transformação psicológica que se verifica quando ele começa a ter pesadelos com os animais diariamente abatidos por ele, reflexo já de uma perturbação que começa a sentir e que vai, pouco a pouco, se manifestando na incapacidade que nele se desenvolve de matar estes animais por não suportar mais tirar suas vidas e na tentativa desesperada de se redimir de tanto sofrimento causado.

Não cabe aqui, no presente trabalho, analisar cada uma dessas perspectivas em detalhes, mas apenas evidenciar uma presença significativa disso que podemos chamar de *romances de formação na atualidade*, ou seja, romances e contos que expressam questões éticas e sociais concernente aos nossos dias e que não aparecem, por exemplo, nos romances de formação do século em que esse conceito foi formulado. Obviamente que o caráter e o status de *clássico* de muitas obras são assim merecidos justamente por continuarem trazendo elementos de reflexão independente do tempo e do espaço, isto é, são marcadas por um universalismo que torna possível, ainda hoje, lermos desde a *Odisséia*, de Homero até *Frankenstein*, da escritora inglesa Mary Shelley e termos ainda algo a refletir com estas obras no que diz respeito às questões éticas nelas apresentadas⁴.

Mas, existem questões que são pertinentes e surgidas apenas em nossa época, e trabalhos literários (e filosóficos) como os acima mencionados, entre tantos outros,

servem como uma forma de suscitar reflexões sobre princípios éticos e de formação de caráter, o que demonstra sua importância ainda hoje, como veremos a seguir a partir da perspectiva de Nussbaum sobre a importância de enfatizar na educação o que ela chama de *imaginação narrativa* visando o desenvolvimento das capacidades éticas e políticas dos indivíduos, elementos que a autora enfatiza como importantes para a sustentação da democracia, o que, por sua vez, promove uma maior oportunidade para o desenvolvimento econômico

3. NUSBAUM E O ENSINO DAS HUMANIDADES: A LITERATURA DE FORMAÇÃO E A ALTERIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA A DEMOCRACIA

Em 2007 Martha Nussbaum confere uma palestra na Universidade Hebraica de Jerusalém e que foi publicada com o título de *Educação Para o Lucro, Educação para a Liberdade*. Essa palestra resultou posteriormente no livro *Sem Fins Lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*, publicado em 2010. Estes dois trabalhos retomam e ampliam várias reflexões educacionais, éticas e políticas que a autora já apresentara anteriormente em outras obras como: *Love's Knowledge: essays on philosophy and literature*, de 1990; *Poetic Justice: the literary imagination and public life*, de 1997 e *Cultivating Humanity: a classical defense of reform in liberal education*, de 1998. O foco central de *Sem Fins Lucrativos* é discutir a crise que as democracias podem enfrentar por causa do constante declínio do ensino de humanidades nas universidades americanas (e em outras nações) que tem ocorrido paralelamente a uma substituição pelas tecnicidades cujo objetivo central é pensar a educação servindo para fins de desenvolvimento econômico. Nussbaum não nega o valor deste fim. Ele é importante. No entanto, a autora critica que uma das formas pelas quais esse fim tem sido buscado está baseada na crença de que o ensino das humanidades, o que inclui a literatura, a música, a poesia, a dança, o teatro, artes plásticas, são inúteis ou até mesmo desnecessárias para um fomentar o crescimento econômico.

Ao longo de sua obra, que investiga questões tanto políticas quanto psicológicas, a autora demonstra como que as humanidades contribuem para a sustentação da democracia, elemento fundamental para que haja um progresso econômico. Influenciada pelas reflexões do economista e filósofo Amartya Sen, Nussbaum demonstra de que maneira a democracia e suas instituições são as bases para uma economia segura, próspera e justa, mas que a democracia sofre um perigo de ser enfraquecida quando as disciplinas de humanidades e os valores e capacidades que elas suscitam são colocadas em um plano inferior nos objetivos educacionais das nações. Em resumo: as humanidades fortalecem a democracia e esta por sua vez é a base política segura para uma sólida economia, o que faz com que Nussbaum relacione, portanto, ainda que indiretamente, que o próprio desenvolvimento econômico dependente também das humanidades e não apenas das tecnicidades.

Não adentraremos, aqui, em uma análise de todos os detalhes desta obra, mas destacaremos, mais precisamente, de que modo Nussbaum confere um papel significativo para a literatura como um componente fundamental para o desenvolvimento moral e político dos cidadãos. São três as habilidades ou valores que a educação precisa almejar através do ensino das humanidades: i) a tradição socrática; ii) a capacidade de ver-se como um cidadão do mundo; e, iii) a imaginação narrativa.

A respeito da primeira habilidade ou valor, Nussbaum considera que a atividade ética-pedagógica desenvolvida e desempenhada por Sócrates propicia aos indivíduos o desenvolvimento das competências argumentativas, elemento central para a

participação de debates democráticos, estimulando também o pensamento rigoroso:

Uma das razões pelas quais as pessoas insistiram em ministrar a todos os estudantes universitários uma série de cursos de filosofia e de outros temas das humanidades é que elas acreditam que tais cursos, tanto por meio do conteúdo como da pedagogia, estimularão os alunos a pensar e a argumentar por si próprios, em vez de se submeter à uma tradição e à autoridade – e elas acreditam que a capacidade de argumentar à maneira socrática é, como Sócrates declarou, valiosa para a democracia (NUSSBAUM, 2015, p. 48)⁵.

Além disso, a pedagogia socrática também contribui para o desenvolvimento da reflexão em torno das metas que os indivíduos perseguem em suas vidas, ou seja, a capacidade de uma autorreflexão que leva a um autoconhecimento – *conhece-te a ti mesmo* –, contribuindo para que as pessoas não se deixem influenciar facilmente pela demagogia (Cf. NUSSBAUM, 2015, p. 49).

A segunda habilidade que a educação precisa refletir diz respeito à necessidade que as escolas e universidades têm de, por meio dos currículos de humanidades:

[...] desenvolver nos estudantes a capacidade de se perceberem como membros de uma nação heterogênea (pois todas as nações modernas são heterogêneas) e de um mundo ainda mais heterogêneo, e inteirar-se um pouco da história e da natureza dos diversos grupos que nela habitam (NUSSBAUM, 2015, p. 80).

Esse objetivo da educação é pensado justamente em um mundo composto por diferenças entre indivíduos e grupos que cada vez mais se encontram e compartilham espaços e recursos comuns e exige uma grande quantidade de conhecimento que precisa ser incorporado nos currículos. Nussbaum elenca alguns deles:

[...] conhecimento a respeito dos diversos subgrupos (étnicos, nacionais, religiosos, com base em gênero) que compõem o próprio país, de suas conquistas, lutas e contribuições; e um conhecimento igualmente complexo a respeito de países e tradições além das suas (NUSSBAUM, 2015, p. 80).

Nesta segunda habilidade destacada por Nussbaum, podemos considerar que a literatura continua tendo hoje o mesmo papel que ela teve no século XVIII na formação dos Direitos Humanos conforme salientado por Hunt, ou seja, em desenvolver uma capacidade de empatia e alteridade, sensibilizando os indivíduos para outras realidades e situações diferentes das suas. Isso está intrinsecamente vinculado com a terceira habilidade que precisa ser desenvolvida.

Interessa-nos, para o presente artigo, enfatizar a terceira habilidade ou valor que Nussbaum considera fundamental para o desenvolvimento das capacidades éticas e políticas dos indivíduos, principalmente no desenvolvimento da simpatia e alteridade, o que, conseqüentemente, é importante e fundamental para a sustentação da democracia. Trata-se do que a autora conceitua de *imaginação narrativa*, algo que já foi também trabalhado em uma obra anterior intitulada *Poetic Justice*, de 1995.

Tal qualidade da imaginação narrativa é marcada pela:

[...] capacidade de pensar *como deve ser se encontrar no lugar de uma pessoa diferente de nós*, de ser um interprete inteligente da história dessa pessoa e de compreender as emoções, os anseios e os desejos que alguém naquela situação pode ter. O desenvolvimento da compreensão tem sido um elemento fundamental dos principais conceitos recentes sobre educação democrática, tanto nos países ocidentais como nos não ocidentais (NUSSBAUM, 2015, p. 96, grifo nosso).

Essa qualidade ou habilidade de compreender aquilo que se passa com outra

pessoa e, além disso, de se colocar na sua posição e situação é essencialmente desenvolvida pela arte e, mais propriamente, pela literatura. Certamente, observa Nussbaum, que esta capacidade e as ferramentas da leitura e da estética para desenvolvê-la, devem se dar no âmbito cotidiano dos indivíduos, como na instituição familiar, mas também se pode considerar que a escola e a universidade venham a ter um papel fundamental nesse desenvolvimento. Segundo Nussbaum, as instituições de ensino devem:

[...] reservar um lugar de destaque no currículo para as humanidades e para as artes, desenvolvendo um tipo de educação participativa que estimula e aprimora a capacidade de perceber o mundo através do olhar de outra pessoa (NUSSBAUM, 2015, p. 96).

Uma das principais bases para a sustentação das sociedades democráticas é a capacidades dos indivíduos de se preocuparem eticamente uns com os outros, isto é, ser sensível e perceptível a outro ser humano. Referindo-se aos trabalhos do pediatra e psicanalista Donald Winnicott, tal capacidade, destaca Nussbaum, ocorre desde a fase inicial da vida e, nesse estágio, as atividades lúdicas são essenciais para o desenvolvimento de uma personalidade saudável. O ato de brincar é o momento no qual a criança começa a experimentar a noção de *alteridade*, isto é, de reconhecimento do outro. Há uma evolução nas brincadeiras que vão desenvolvendo a capacidade das crianças de maravilharem-se. Chega-se ao momento na sua educação em que entram em cena as fábulas e canções e estas podem levar a criança a esforçar-se mentalmente para, de maneira gradual, colocar-se e ver-se no lugar de outras pessoas, animais e inclusive objetos. Na medida em que a criança cresce e no processo de evolução das canções, leituras e histórias com as quais ela vai tendo contado, vai se desenvolvendo a reflexão e posicionamento frente ao outro.

Canções infantis simples passam a estimular a criança a se colocar no lugar de um animalzinho, de outra criança e até mesmo de um objeto inanimado. “Brilha, brilha, estrelinha / Quero ver você brilhar / Faz de conta que é só minha / Só pra ti irei cantar”, é um modelo de maravilhamento, uma vez que implica olhar para uma forma e dotar essa forma de um mundo interior. Isso é o que, basicamente, as crianças devem ser capazes de fazer com os outros. *Desse modo, as histórias e canções infantis representam uma preparação importante para que ela venha a ser alguém que se preocupa com os outros.* A presença do outro, que pode ser muito ameaçadora, torna-se, na brincadeira, uma agradável fonte de curiosidade; e essa curiosidade contribui para o desenvolvimento de atitudes saudáveis de amizade, amor e, mais tarde, participação política (NUSSBAUM, 2015, p. 100, grifo nosso).

O contato desde muito cedo com as atividades lúdicas (brincadeiras), o ouvir e em seguida o ato de ler as histórias infantis e fábulas, aprender as canções, recitar os provérbios, conhecer e ler os autores clássicos já a partir da adolescência é um passo importante para criar a base ética e política necessária para conservar uma sociedade democrática. Em certa medida, a ética e a política exigem por parte dos indivíduos que eles tenham uma capacidade imaginativa significativamente desenvolvida, pois ela estimula os indivíduos a colocarem-se no lugar e nas situações vividas por outras pessoas e, desta forma, “ler” e compreender as suas histórias. Nesse aspecto a literatura desempenha um papel fundamental no estímulo e desenvolvimento desta capacidade de imaginação narrativa.

E a capacidade de imaginar a experiência do outro – uma capacidade que quase todos os seres humanos possuem de alguma forma – precisa ser aumentada e

aperfeiçoada, se quisermos ter alguma esperança de sustentar instituições decentes que fiquem acima das inúmeras divisões que qualquer sociedade moderna tem (NUSSBAUM, 2015, p. 11).

Da infância à vida adulta passa-se por uma transformação que leva a uma alteração das atividades lúdicas. A brincadeira começa a dar lugar para as atividades de leitura e contato com a arte (contemplada ou produzida), a poesia alimenta a capacidade criativa e emocional das pessoas, tal como a música e as peças teatrais (assistidas ou lidas). O ato da dança tem o potencial de levar a uma perda do medo do contato com o outro. Tais atividades intensificam nos indivíduos a capacidades e disposição para a empatia, isto é, conseguir *entender* os outros; e também de simpatia, ou seja, a capacidade de *sentir* aquilo que ocorre com os outros em suas situações particulares. Para Nussbaum, “o ensino da literatura e das artes pode estimular a *compreensão* de diversas formas, por meio do envolvimento com inúmeras obras de literatura, de música, de belas-artes e de dança” (NUSSBAUM, 2015, p. 106, grifo nosso). O contato com obras de artes é uma forma pela qual é possível ter uma percepção das conquistas e dos sofrimentos passados pelos indivíduos de outras culturas, investigando a história por detrás de cada representação artística.

Em sua obra *Justiça Poética*, Nussbaum ressalta essa relação entre a imaginação narrativa desenvolvida pela literatura e pelas artes com a ética e a política.

Defendo a imaginação literária precisamente porque me parece ser um ingrediente essencial de uma postura ética que nos impele a estar interessados no bem-estar das pessoas cujas vidas estão tão distantes da nossa (NUSSBAUM, 1997, p. 18).

Assim como a literatura, a arte e a dança, a música também tem esse potencial de desenvolver uma capacidade imaginativa, assim como a simpatia e empatia, levando ao entendimento de como é estar no lugar e na situação de outro. No entanto, é importante observar que as artes também podem ser usadas para promover valores opostos aos da democracia, como a *coisificação* dos indivíduos, estimulando atos como o do racismo e demais tipos de preconceitos, além do desrespeito pela propriedade alheia e pela individualidade. Portanto, como observa Nussbaum:

Se não estiver ligada a uma ideia de dignidade humana, a imaginação empática pode ser caprichosa e desequilibrada [...]. Crianças que têm sua imaginação estimulada por meio da leitura de literatura racista ou da coisificação pornográfica da mulher não a estão cultivando de uma forma adequada às sociedades democráticas; e não se pode negar que os movimentos antidemocráticos têm sabido utilizar as artes, a música e a retórica de modo a contribuir ainda mais para humilhar e estigmatizar determinados grupos e pessoas. (NUSSBAUM, 2015, p. 109).

Como exemplos de tais casos, podemos citar a literatura, a música, a poesia, o cinema e o teatro do período nazista que nas escolas ensinavam e estimulavam a imaginação das crianças para uma atitude que estivesse de acordo com os objetivos do partido de eliminação dos judeus e outros grupos, o que passava por uma estigmatização destes grupos para a promoção de uma raça pura⁶.

No contexto brasileiro, verifica-se uma deterioração constante das atividades artísticas, principalmente da música que já se introduziu até mesmo dentro das atividades curriculares e extracurriculares de muitas escolas e universidades. Determinados estilos musicais são compostos por letras com apologia ao crime e a prática da violência como forma louvável de se viver a vida. A desvalorização da mulher, juntamente com a simulação de uma vida financeiramente próspera, mas

destituída do trabalho necessário para alcançá-la, ou ainda uma glamorização da pobreza e da mediocridade intelectual e moral são temas musicais entoados por uma geração que tem sido educada culturalmente por essas composições. A arte, seja ela musical ou literária, torna-se, nesse sentido, desvinculada de seu poder formativo e educativo e da própria ideia de dignidade humana.

Uma democracia não tem muita sustentação quando os indivíduos cultivam e praticam tais “artes” e Nussbaum é consciente sobre essa ambiguidade que a literatura, a música e as artes de um modo geral carregam. Isso adentra na questão sobre *quem e o que* se irá escolher como elemento constitutivo de um currículo literário na educação. Seguramente, no entanto, as obras clássicas da literatura mundial, que possuem um valor universal, isto é, tem algo a ser transmitido independente do tempo e do lugar, podem compor tais currículos. No entanto, a arte e a literatura devem promover a dignidade humana e estar, entre outras finalidades, a serviço do desenvolvimento de uma alteridade e de uma simpatia.

[...] é valioso estender esta compreensão literária buscando experiências literárias onde nos identificamos compassivamente com os membros individuais de grupos marginalizados ou oprimidos da nossa sociedade, aprendendo, por um tempo, a ver o mundo através de seus olhos e refletindo como espectadores sobre o sentido da que temos visto (NUSSBAUM, 1997, p. 130).

Nesse sentido, a proposta educacional de Nussbaum busca enfatizar e até mesmo resgatar o potencial formativo e educativo da literatura (e das artes em geral) devido à possibilidade que elas têm em desenvolver as capacidades morais e políticas. Esse resgate também se faz necessário em razão de que apesar de muitas pesquisas e trabalhos vinculando a importância das humanidades e da literatura para a formação ética dos indivíduos, ainda assim muitos sistemas (e teorias) educacionais têm buscado retirar ou diminuir significativamente de seus currículos o ensino de artes e da literatura, isto é, das humanidades como um todo, pautando tais ações na equivocada ideia de que não há um ganho econômico significativo no ensino de poesia, no estímulo à leitura de romances e no apreço e produção de artes.

No entanto, conforme observado anteriormente, a segurança econômica está direta ou indiretamente relacionada com o ensino de humanidades, pois uma economia sólida necessita de uma democracia bem fundamentada, e esta, por sua vez, se fortalece através das disciplinas de humanidades para desenvolver nos cidadãos as capacidades e as qualidades exigidas para a vida em uma sociedade democrática e globalizada. De acordo com o filósofo e economista Amartya Sen, com quem Nussbaum trabalhou:

O desenvolvimento econômico apresenta ainda outras dimensões, entre elas a segurança econômica. Com grande frequência, a insegurança econômica pode relacionar-se à ausência de direitos e liberdades democráticas. De fato, o funcionamento da democracia e dos direitos políticos pode até mesmo ajudar a impedir a ocorrência de fomes coletivas e outros desastres econômicos. Os governantes autoritários, que raramente sofrem os efeitos de fomes coletivas (ou de outras calamidades econômicas como essa), tendem a não ter estímulo para tomar providências preventivas oportunas. Os governos democráticos, em contraste, precisam vencer eleições e enfrentar a crítica pública, dois fortes incentivos para que tomem medidas preventivas contra aqueles males. Não surpreende que nenhuma fome coletiva jamais tenha ocorrido, em toda a história do mundo, em uma democracia efetiva – seja ela economicamente rica (como a Europa ocidental contemporânea ou a América do Norte), seja relativamente pobre (como a Índia pós-independência, Botsuana ou Zimbábue) (SEN, 2010, p. 30-31).

Nesse sentido, quando se verifica a relação entre desenvolvimento econômico e democracia e o papel da educação para a concretização desse processo, percebe-se que a questão educacional envolve uma reflexão a respeito das características que a educação deve ter a fim de que ajude a fomentar e sustentar a democracia e, portanto, não menos fundamental nesse processo, o desenvolvimento econômico que, por sua vez, tem, segundo Sen, tem melhores perspectivas nos governos genuinamente democráticos. Ou seja, para assegurar um desenvolvimento econômico é preciso assegurar uma sólida democracia, que, por sua vez, corre o risco de entrar em colapso quando as qualidades desenvolvidas nos cidadãos através dos ensinamentos de humanidades são desvalorizadas.

Para o filósofo e economista, o desenvolvimento econômico, na medida em que se está assegurado nas democracias, amplia, por sua vez, as liberdades dos indivíduos. Dessa maneira, fica evidente a relevância do papel das humanidades numa sociedade, pois, tão fundamental quanto o desenvolvimento econômico, atribuído ao ensino técnico, o desenvolvimento humano e democrático é o que forma os pilares para uma sociedade democrática, o que possibilita todo o desenvolvimento de uma nação seja economicamente ou no que se refere ao florescimento, isto é, a realização das potencialidades dos indivíduos segundo Nussbaum.

Podemos considerar que embora essas três habilidades ou valores que a educação precisa fomentar operem em conjunto, há uma centralidade na terceira habilidade, ou seja, as duas primeiras habilidades perdem força se não estiverem amparadas por uma sólida capacidade de imaginação narrativa cujos romances de formação (*Bildungsroman*) e as artes podem contribuir no desenvolvimento. A literatura e a imaginação narrativa, que por meio dela se desenvolve, ajudam na capacidade de diálogo (pedagogia socrática) assim como a capacidade de colocar-se no lugar de outro indivíduo que vive uma situação existencial, emocional social, política, religiosa diferente.

Como observa Dalbosco:

A imaginação narrativa exerce um poder extraordinário para a construção de uma boa sociabilidade humana porque consegue fazer, talvez mais do que qualquer outra capacidade humana, o aspecto de abertura, de estímulo para ir ao encontro do outro, vendo-o não como um simples concorrente, mas também como um parceiro igual na longa e penosa caminhada humana. Nesse sentido, é por meio da imaginação narrativa que se desperta o sentimento de compaixão pelo outro. Contudo, assim como os demais pilares da cidadania democrática, esse também precisa ser formado (educado) (DALBOSCO, 2015, p. 138).

Ainda que a autora escreva em defesa a importância das humanidades, podemos encontrar na argumentação de Nussbaum, não o ensinamento destas disciplinas em detrimento das de caráter técnico-científico, mas, antes, a autora compreende a necessidade de um maior equilíbrio entre as disciplinas de humanidades e as de formação técnico-científica na educação de um indivíduo. As humanidades são fundamentais no fortalecimento da democracia e suas instituições, assim como o caráter moral e político de seus cidadãos no exercício de suas mais variadas atividades científicas, culturais, políticas, religiosas, educacionais exercidas na sociedade. O desenvolvimento econômico cujo terreno é muito mais fértil nas democracias do que em outras formas de governo não democráticas tem muito a ganhar através das humanidades, como, por exemplo, o debate público respeitoso, o respeito pelas diferenças, o exercício da liberdade etc.

Nessa perspectiva, o presente artigo enfatiza mais precisamente o modo como a

literatura e os romances de formação se mostram importantes e significativos. Além disso, os romances de formação, tanto os clássicos como também os contemporâneos, não estão distantes dos problemas que atualmente a sociedade enfrenta, mas, se mostram importantes nas discussões em torno de questões éticas e políticas contemporâneas como destacados na segunda parte deste artigo. Isso demonstra a importância e a necessidade de resgatar, promover e estimular esta perspectiva ética-pedagógica do *Bildungsroman* na educação atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos inicialmente trazer o conceito de *Bildungsroman*, seu desenvolvimento conceitual situado historicamente na Alemanha. Vimos também como a ideia da literatura e do romance de formação foi um componente fundamental, na prática, para o desenvolvimento de ideias como a da igualdade e dos Direitos Humanos. Em seguida, trouxemos menções a respeito de algumas obras e autores que discutem essa temática na contemporaneidade, assim como obras literárias que tratam de problemas morais bem específicos de nosso tempo, demonstrando de que maneira o romance de formação permanece nos dias de hoje tendo um papel fundamental na educação moral dos indivíduos. Nosso objetivo não foi analisar profundamente cada uma dessas obras citadas, mas trazer ao leitor algumas referências a respeito de tal debate atualmente, evidenciando a convergência do conceito de *Bildungsroman* com os dias de hoje.

Deste modo, buscamos ao longo deste artigo, situar a discussão do romance de formação dentro de contextos educacionais atuais, dialogando com as reflexões trazidas pela filósofa Martha Nussbaum a respeito do ensino de humanidades e tecnicidades. Buscamos demonstrar que o busca pelo desenvolvimento e segurança econômica, muito enfatizada pelas nações em seus debates educacionais, leva, muitas vezes, a uma priorização do ensino das tecnicidades em detrimento das humanidades. Esse desequilíbrio, por sua vez, pode gerar a uma crise na democracia e, conseqüentemente, da própria economia. Para os autores Sen e Nussbaum, esse almejado e legítimo desenvolvimento econômico é um bem que está atrelado aos valores apregoados na democracia de que modo que o enfraquecimento das instituições democráticas tende a levar a um enfraquecimento econômico. Nesse sentido, o próprio desenvolvimento e crescimento econômico das nações está vinculado também com o ensino das humanidades.

Para pensarmos estas questões trouxemos nessa discussão as reflexões de Nussbaum que já estavam presentes em sua obra *Poetic Justice*, em que a autora toma a imaginação como elemento central na literatura e fundamental para a formação ética e política dos cidadãos. Por meio da literatura, dos romances de formação conjuntamente com outras formas de arte é possível desenvolver uma imaginação narrativa que se mostra fundamental para o entendimento acerca do que é ético dentro da complexidade das relações humanas. Para a autora, a literatura é capaz de contribuir substancialmente para um enriquecimento moral, ético e estético para a vida pública. Mediante a literatura é possível enxergar novas perspectivas e possibilidades tornando possível uma melhor convivência em sociedade. A literatura desenvolve a capacidade de se imaginar e se colocar no lugar do outro, isto é, desenvolver a alteridade e a empatia, dois elementos necessários para o bom convívio humano no âmbito público e também privado.

Assim, podemos vislumbrar o alcance de uma formação educacional com uma

maior valorização das humanidades e a incorporação de romances de formação tanto nos sistemas educacionais como, também, na vida dos cidadãos. Uma sociedade na qual seus cidadãos recebessem tanto uma formação técnica, a qual colaboraria para o crescimento econômico, quanto uma formação em humanidades, favorecendo seu florescimento moral e criativo e gerando, assim, um aumento na qualidade de vida dos indivíduos e, conseqüentemente, uma melhor perspectiva para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- BOLLE, Willi. A idéia de formação na modernidade. IN: GHIRALDELLI JR., Paulo (org.) *Infância, Escola e Modernidade*. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade do Paraná, 1997.
- CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madelaine. As humanidades no ensino. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo. V. 25, n. 2, p.149-170, jul./dez., 1999.
- COETZEE, J. M. *A Vida dos Animais*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CORNELSEHN, Elcio Loureiro. Os descaminhos da poesia a serviço do nazismo. In: *Revista Contingentia*. Porto Alegre. Vol. 4, n. 2, p. 22-42, novembro, 2009.
- DALBOSCO, Cláudio Almir. Educação Superior e os desafios da formação para a cidadania democrática. In: *Avaliação*. Campinas. Vol. 20, n. 1, p. 123-142, março 2015,
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.
- HUNT, Lynn. *A Invenção dos Direitos Humanos: uma história*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LEIST, Anton; SINGER, Peter. *J. M. Coetzee: philosophical perspectives on literature*. New York: Columbia University Press, 2010.
- MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. *O Cânone Mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MARCOVITCH, Jacques. Os desafios da área de Humanidades no Brasil e no mundo. In: *Estudos Avançados*. São Paulo. Vol. 16, n. 46, p. 233-243, Set./dez., 2002.
- NUSSBAUM, Martha. *Sem Fins Lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.
- NUSSBAUM, Martha. *Educação Para o Lucro, Educação Para a Liberdade*. Tradução de Fernando Cardoso. In: *Revista Redescrições*. Ano 1, N. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.gtp Pragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/01/5Nussbaum.pdf>>. Acessado em: 17 de Janeiro de 2018.
- NUSSBAUM, Martha. *Cultivating Humanity: a classical defense of reform in liberal education*. Harvard University Press, 1997.
- NUSSBAUM, Martha. *Justicia Poética: la imaginación literaria y la vida pública*. Tradução de Carlos Gardini. Santiago de Chile: Andres Bello, 1997.
- NUSSBAUM, Martha. *Love's Knowledge: essays on philosophy and literature*. Oxford University Press, 1990.
- OLIVEIRA, Wesley Felipe de. *A literatura de protesto vegetariano-feminista na obra Frankenstein, de Mary Shelley*. In: LESSA, PATRÍCIA; GALINDO, Dolores. (Org.). *Relações multiespécie em rede: feminismos, animalismos e veganismo*. 1ed. Maringá: Eduem, 2017, p. 119-135.
- SEN, Amartya. *Desenvolvimento como Liberdade*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SINGER, Peter; SINGER, Renata. *The Moral of the Story: an anthology of ethics through literature*. Blackwell Publishing Ltd, Australia, 2005.
- SINGER, Isaac. O Abatedor. In: *47 Contos de Isaac Bashevis Singer*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NOTAS

- 1 Referimo-nos, principalmente, aos currículos dos cursos superiores que formam profissionais das áreas de medicina, tecnologias, enfermagem, biologia, engenharias, direito etc. No entanto, as reflexões que aqui trataremos se estendem também aos currículos nos níveis fundamentais e médios. Sobre a discussão a respeito da ênfase prioritária na alocação de recursos das universidades para cursos da área de Ciência & Tecnologia, Cf. MARCOVITCH, 2002.
- 2 Podemos inferir disso um caráter interdisciplinar que atualmente o *Bildungsroman* pode ter, por exemplo, nos currículos nas universidades.
- 3 Traduzido de: “It is surely true that the detailed and creative exploration of a situation that an emerge form a good novel can help us to understand more about ourselves, how we ought to live. In contrast to the examples discussed in works of philosophy, discussions of ethical issues in fiction tend to be concrete, rather than abstract, and to give a rich contest for the distinctive moral views or choices that are portrayed. Literature therefore often presents a more nuanced view of character and circumstances than is to be found in the works of philosophers. And of course, because most readers like to engage with characters and to read works that have plots, literary works usually reach a wider audience than works of philosophy.”
- 4 Para uma reflexão sobre os aspectos éticos na obra Frankenstein, Cf. OLIVEIRA (2017) A literatura de protesto vegetariano-feminista na obra Frankenstein, de Mary Shelley. In: LESSA, PATRÍCIA; GALINDO, Dolores. (Org.). Relações multiespécie em rede: feminismos, animalismos e veganismo. Ied. Maringá: Eduem, 2017, p. 119-135.
- 5 Amartya Sen observa que embora reconheçamos que a democracia e suas instituições são fundamentais para um desenvolvimento econômico e humano, ela não deve ser tomada como um elemento mecânico e automático que necessariamente leva, de maneira eficaz, ao desenvolvimento (SEM, 2010, p. 208). É preciso fazer um bom uso dos valores e oportunidades que a democracia pode oferecer, como, por exemplo, a instituição do debate público e da liberdade. Nesse aspecto, o procedimento ético-pedagógico da filosofia socrática, conforme enfatiza Nussbaum, é um importante elemento para desenvolver nos indivíduos os elementos fundamentais para a democracia, como a capacidade argumentativa, o raciocínio crítico, a autonomia, a capacidade de ouvir e compreender o outro etc.
- 6 Cf. CORNELSEN, Elcio Loureiro. Os descaminhos da poesia a serviço do nazismo. In: *Revista Contingentia*. Vol. 4, n. 2, Novembro 2009, p. 22-42.